



Considerações sobre o “Darwinismo Generalizado” na Economia

Celso Bissoli Sessa¹

Neide César Vargas²

Resumo

O objetivo desse artigo é discutir o debate teórico de cunho evolucionista mais recente na Economia, liderado por Geoffrey Hodgson, que propõe construir uma ontologia para as abordagens evolucionistas na Economia a partir de Darwin, dos Antigos Institucionalistas, do determinismo e do materialismo emergentista discutidos por Mário Bunge e do pensamento populacional de Ernst Walter Mayr. Essa proposição tem sido denominada, no plano metodológico, de Darwinismo Generalizado. A proposição metodológica darwiniana de Hodgson é elaborada à luz do dilema metodológico pautado na relação indivíduo e estrutura

Palavras chave: Economia Evolucionária, Darwinismo Generalizado, Neo-Institucionalismo

JEL-CODE: B40, B50, B52.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss the most recent evolutionary theoretical debate in Economics, led by Geoffrey Hodgson, who proposes to build an ontology for evolutionary

1 Professor do Departamento de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo.

2 Professora do Departamento de Economia e do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade Federal do Espírito Santo



approaches in economics from Darwin, the Old Institutionalists, determinism and emergentistic materialism discussed by Mario Bunge and the population thinking of Ernst Walter Mayr. This proposition has been denominated, in the methodological plane, of Generalized Darwinism. The Darwinian methodological proposition of Hodgson is elaborated in the light of the methodological dilemma based on the relation individual and structure.

KEY WORDS: Evolutionary Economics, Generalized Darwinism, Neo-Institutionalism

JEL: B40, B50, B52.

1. Introdução

Ao longo da História da Ciência vários são os episódios em que progressos alcançados em determinadas áreas do conhecimento são incorporados por outros campos do saber. Muitos avanços e, às vezes, retrocessos se devem a esses movimentos de fertilização cruzada. Com a Economia isso não tem sido diferente. Buscando alcançar o status de Ciência, a Economia tem pautado seu desenvolvimento teórico nas áreas consideradas modelos por excelência do paradigma científico moderno: primeiramente a Física e, mais recentemente, a Biologia. Em função disso, metáforas e analogias sempre estiveram presentes nos mais de dois séculos de história do pensamento econômico.

Da primeira grande influência, a Física Clássica ou Newtoniana, vieram conceitos como elasticidade, entropia e equilíbrio com os quais se esperava estabelecer uma equivalência entre os sistemas econômicos e os sistemas físicos do movimento dos corpos. Depois, com a Biologia vieram as ideias de evolução, seleção natural, replicadores e sistemas populacionais.



As discussões teóricas de cunho evolucionista se intensificaram desde a década de 1980 e um debate mais recente na Economia, liderado por Geoffrey Hodgson, tem colocado novos aspectos em cena ao considerar a possibilidade de se construir uma ontologia para as abordagens evolucionistas na Economia a partir de Darwin, dos Antigos Institucionalistas, do determinismo e do materialismo emergentista discutidos por Mário Bunge e do pensamento populacional de Ernst Walter Mayr. Hodgson tem denominado a sua proposição, no plano metodológico, de Darwinismo Generalizado (HODGSON, G.; KNUDSEN, T., 2006); (HODGSON, 2007c).

A Biologia seria a referência metodológica fundamental para uma nova ontologia, de caráter multidisciplinar e ensejando uma teorização em diferentes níveis. Este tipo de aplicação de Darwin no domínio social não é a habitual, feita por meio de analogias biológicas ou de algum tipo de reducionismo biológico (HODGSON, 2007c, p. 268), mas sim buscando resgatar os fundamentos metodológicos/filosóficos do darwinismo, considerado como sendo uma meta teoria aplicável a todo sistema populacional complexo e aberto. Autores da Economia tais como Nelson, Winter, Vromen, Witt e Cordes têm debatido as idéias de Hodgson denotando que, apesar de ser uma visão ainda em construção, ela apresenta pontos importantes a serem discutidos³.

³ No Brasil, Possas (2008) e Luz (2009) discutiram essa temática sob o ponto de vista metodológico. Possas (2008), numa visão bastante crítica, recusa uma eventual hierarquia exógena à Economia e afirma que a meta teoria proposta por Hodgson desconstruiria importantes elementos teóricos já estabelecidos na Economia (POSSAS, 2008, p. 9). Além disso, o associa a um referencial darwiniano estreito, seguindo uma tipologia de Nelson (2006). Por outro lado, Luz (2009) adota um ponto de vista favorável, buscando responder as críticas colocadas e avançar notadamente a partir do princípio do pensamento



proposição metodológica darwiniana de Hodgson é elaborada à luz do dilema metodológico pautado na relação indivíduo e estrutura. No próximo item será apresentado o Darwinismo Generalizado como uma proposição de natureza multidisciplinar e aberta que busca uma solução para o dilema indivíduo e estrutura, destacando as principais contribuições de Hodgson no plano ontológico. O terceiro item evidencia os eventuais limites dessa abordagem e, por fim, o quarto item traz breves conclusões.

2. O Darwinismo Generalizado e as contribuições de Hodgson

O debate metodológico sobre a relação entre o indivíduo e a estrutura engloba uma vasta gama de visões. Hodgson sintetiza esse debate na identificação de duas polaridades. De um lado, localiza os teóricos que adotam o individualismo metodológico⁴, comum à teoria econômica ortodoxa. Do outro, localiza os teóricos que adotam abordagens nas quais o indivíduo e o seu comportamento são explicados, de forma predominante, a partir das estruturas sociais, classificado por ele como coletivismo metodológico⁵. Para Hodgson, a construção de uma perspectiva

populacional estabelecido por Ernest Walter Mayr, aplicável a sistemas populacionais complexos.

⁴ Segundo Hodgson (2004:16), corresponde à doutrina de que todo fenômeno social é, em princípio, explicável apenas em termos dos indivíduos – suas propriedades, objetivos e crenças. A ação do indivíduo, fruto de preferências e crenças dadas, é considerada uma condição necessária e suficiente para explicar os fenômenos e as estruturas sociais, reduzidas a agregados de indivíduos e operando, no máximo, como mecanismos de restrição à ação individual (Hodgson 1994: 59).

⁵ Hodgson extrai de Hayek esse termo, nele localizando o marxismo, a sociologia de Émile Durkheim e o estruturalismo de Levi-Strauss. Em relação a



metodológica que considere tanto o indivíduo quanto as estruturas sociais ainda não foi alcançada no escopo das visões clássicas e muito menos nas proposições mais modernas voltadas para responder a esse dilema, tais como Anthony Giddens e o Realismo Crítico⁶.

As contribuições de Hodgson buscam romper com as visões polarizadas e mutuamente excludentes sobre o tema, perseguindo uma abordagem teórica que explique tanto a transformação das estruturas como a dos indivíduos, buscando construir explicações causais nos dois sentidos⁷.

essas abordagens, Hodgson afirma que nelas as manifestações individuais, a despeito de eventuais ponderações acerca do seu papel na construção das estruturas sociais, tenderiam a ser deduzidas das estruturas sociais ou mesmo da classe social a qual o indivíduo pertence.

⁶ Segundo Hodgson (2004) as ideias pós-modernas do sociólogo Anthony Giddens, de que os indivíduos e as estruturas sociais são considerados elementos simétricos de um mesmo fenômeno, não resolveriam o dilema. Ao não estabelecer uma prioridade ou uma hierarquia entre esses elementos, Giddens trata-os no mesmo nível analítico, chegando ao extremo de considerar que as estruturas sociais estão nas mentes dos indivíduos. O Realismo Crítico de Roy Bhaskar e Margaret Archer apontaria elementos insatisfatórios da visão pós-moderna, agregando novos aspectos à discussão. Eles destacariam que a estrutura social e o indivíduo são entidades distintas, mutuamente influenciadas, separadas analiticamente pelo fato de que cada indivíduo em particular sempre é precedido por uma estrutura social já existente. Para Hodgson os autores do realismo crítico tratariam dos nexos causais do indivíduo para a estrutura, mas não no sentido da estrutura para o indivíduo. Eles representariam um avanço no debate, mas não uma resposta completa ao dilema.

⁷ Um autor como Vromen (2006), por exemplo, dialogando com Hodgson, considera ser o debate da relação indivíduo versus estrutura uma questão de pragmatismo e não de ontologia. Explicita essa perspectiva de que o tipo de problema ou informação é que define o “zoom” que se deve utilizar para analisar os níveis micro ou macroinstitucional. Ao invés de processos separados



Uma contribuição importante de Hodgson é explicitar que existe uma ontologia subjacente a cada perspectiva teórica econômica e que a Economia precisa de uma nova ontologia. A sua insatisfação com as respostas extremas ao dilema ontológico da relação entre indivíduo e estrutura é sempre apontada em sua obra. Na sua visão as saídas metodológicas extremas tenderiam, na prática, ao reducionismo. Seria fundamental edificar, de maneira explícita, novos fundamentos ontológicos.

A ontologia proposta seria de natureza multinível e materialista, assentada nas propriedades emergentes, elementos típicos de uma abordagem da complexidade. Esse norte pavimentaria o caminho da sua teorização sobre a articulação micro versus macro, ensejando uma abordagem multidisciplinar diferenciada, na qual as distintas áreas de conhecimento podem ser hierarquizadas e articuladas de maneira mais rigorosa. Isso auxiliaria, a despeito de nunca garantir, um apoio para o pesquisador se esquivar dos riscos do dogmatismo, do reducionismo, do funcionalismo, bem como das interdições/limitações à teorização estabelecidas pela ideologia ou mesmo pelo pensamento religioso.

É parte dessa ontologia multinível proposta uma meta teoria fundada nos princípios básicos da teoria da evolução darwiniana, desdobrada por abordagens teórico/metodológicos mais atuais, provenientes da Biologia, com destaque para a contribuição do biólogo Ernest Mayr. O uso que Hodgson faz da Biologia não se dá como um reducionismo biológico, mas visa dela extrair uma estrutura teórica aberta, aplicável a sistemas complexos em

que ocorrem em diferentes níveis, estes deveriam ser analisados como um todo, sendo uma mera questão de foco, pois a causalidade se daria sempre de baixo para cima (do indivíduo para a estrutura).



diferentes áreas de conhecimento. Em linguagem kuhniana, a sua meta teoria equivaleria a um paradigma científico orientador, a qual requer teorizações adicionais para ser aplicada em dada área de conhecimento. No caso da Economia, o ponto de partida seria um tratamento multinível dos conceitos veblenianos de instinto/hábito e instituições, aos quais Hodgson tem agregado, dentre outros conceitos, versões revistas do conceito de rotinas organizacionais desde Nelson e Winter. Ilustra a abordagem teórica do autor uma perspectiva quantitativa com base em modelos de simulação pautados na complexidade, com influência da Biologia e do físico Mário Bunge. O Darwinismo Generalizado⁸ é o termo por ele cunhado para sintetizar a sua proposição ontológica.

Uma frente paralela da contribuição teórica de Hodgson é o resgate do indivíduo que ele faz, visando estabelecer as bases de sua teorização do *self* desde uma análise mais robusta do comportamento individual e da informação, com forte influência da Psicologia Cognitiva. Dessa contribuição cabe aprofundar um pouco mais dois elementos já citados: o conceito de Darwinismo Generalizado e seus componentes fundamentais; e a sua visão particular do indivíduo, da informação e do caráter social do processo decisório.

O Darwinismo Generalizado e a sua aplicação à Economia, conforme empreendida por Hodgson, pode ser sintetizado em três componentes metodológicos principais:

- a) O seu campo de análise e os princípios gerais que norteiam a sua evolução. Este campo envolveria exclusivamente os

⁸ O Darwinismo Generalizado é distinto e anterior à proposição de Dawkins de Darwinismo Universal (HODGSON, 2006, p.2). Remonta a Veblen e aos antigos institucionalistas, cuja base metodológica era dada por Darwin (HODGSON, 2008a, p. 399); (HODGSON, 2003b, p. 368).



sistemas populacionais complexos e evolutivos, ao quais se poderia aplicar os princípios darwinianos de hereditariedade, variação e seleção;

- b) Os elementos metodológicos complementares, em parte obtidos por desdobramentos teóricos mais recentes da perspectiva darwiniana, e, fundamentalmente, assentados na definição de causalidade e determinismo bem como no materialismo emergentista e na ontologia multinível desenvolvidos por Mário Bunge. Esses elementos se somariam aos princípios darwinianos básicos, num escopo amplo o suficiente para configurar uma meta teoria darwiniana;
- c) O desenvolvimento da contribuição de Veblen, que seria a base da aplicação desta meta teoria à Economia, alcançando-se uma teorização específica do campo econômico passível de ser tratado como um sistema complexo evolutivo, à luz dos componentes metodológicos anteriores.

O primeiro componente estabelece que o Darwinismo Generalizado se aplica apenas a sistemas populacionais complexos, de natureza aberta e em evolução. Nas palavras de Hodgson, estes envolveriam *“populations of entities of specific types. Members of each type are similar in key respects, but within each type there is some degree of variation, due to genesis, circumstances or both”* (HODGSON, G., 2006: 4), ou, em outros termos, *“populations of non-identical (intentional or non-intentional) entities that face locally scarce resources and problems of survival”* (HODGSON, G., 2007c: 266).



Na perspectiva de Hodgson, os princípios darwinianos de hereditariedade, variação e seleção⁹ seriam válidos para qualquer sistema populacional complexo e não apenas para o mundo natural (HODGSON, 2006, p.2). Num sistema específico, a Economia, por exemplo, deveriam ser buscados mecanismos peculiares de manifestação desses princípios, o que não implicaria uma analogia biológica tendo em vista que eles atuariam como leis mais gerais desses sistemas.

Não obstante, os fundamentos metodológicos do Darwinismo Generalizado não se esgotam com a aplicação direta dos princípios de hereditariedade, variação e seleção a sistemas populacionais complexos específicos. Existem pontos que o darwinismo original não aclarou e que Hodgson busca complementar incorporando abordagens de outros autores. Da discussão teórica darwiniana derivam os desdobramentos vinculados à doutrina da continuidade e ao pensamento populacional. Mas são os desenvolvimentos a partir da concepção do determinismo e do materialismo multinível de Mário Bunge os aspectos mais articuladores da proposição de Hodgson (2004a).

Hodgson destaca que *“Darwinism involves more than variation, replication and selection – it invokes an unrelenting search for causal explanations”* (HODGSON, G., 2004a: 65). Esse compromisso com a busca de causalidades, construindo-se uma cadeia de explicações que dê conta do processo evolutivo, é considerado por ele como sendo uma importante contribuição de Darwin. Na busca das explicações causais, a perspectiva darwiniana se notabilizaria pela

⁹ Segundo esta perspectiva, a Teoria Sintética da Evolução seria específica à Biologia e não um componente da meta teoria darwiniana como é o caso desses princípios (HODGSON, 2006, p. 5).



recusa, no terreno metodológico, da visão essencialista¹⁰ de mundo. Utilizando uma taxonomia aristotélica de causalidade, Hodgson (2004c) identifica que a visão essencialista se assenta na busca de causas finais¹¹.

Além de Aristóteles, Hodgson busca em Bunge uma concepção mais abrangente de determinismo, posto que o compromisso com a causalidade requer desenvolver melhor essa questão, tendo em vista os riscos de se cair em uma perspectiva mecanicista. Para ele existiriam três concepções distintas de determinismo: o determinismo de regularidade, o determinismo de previsibilidade e o determinismo de ubiquidade. O determinismo de regularidade seria a visão convencional de determinismo, mecanicista, na qual uma dada situação deve levar necessariamente a um único resultado. Essa perspectiva não se aplica a sistemas abertos e complexos. O determinismo de probabilidade, por outro lado, envolveria aquelas abordagens nas quais se busca a previsibilidade a partir da probabilidade e de dados passados, pautada na chance. Mais abrangente que as concepções anteriores, Hodgson propõe o determinismo de ubiquidade, que não se contrapõe ao

¹⁰ Segundo Luz e Fracalanza (2010), o nome essencialismo metodológico, caracterizado a partir de Popper, é “o ponto de vista, sustentado por Platão e muito de seus seguidores, de que é tarefa do conhecimento puro, ou “ciência”, descobrir a verdadeira natureza das coisas, isto é sua realidade ou essências ocultas” (LUZ e FRACALANZA, 2010, p. 3).

¹¹ Para Aristóteles existiriam quatro tipos de causalidades: a formal, a material, a eficiente e a final (HODGSON, 2004c, p.176). Compreende-se como causa material a identificação dos componentes, ou da matéria de que alguma coisa é feita, ou seja, aquilo do qual algo surge ou mediante o qual virá a ser. A causa formal busca responder à questão sobre a forma ou a estrutura que essa matéria assume. A causa final seria a resposta definitiva de todos “porquês” (Aristóteles, s.d.), que é teleológica. Causa eficiente não implica em otimalidade e sim capaz de gerar um efeito (LUZ, 2009: 15-16).



determinismo de previsibilidade, e, ao mesmo tempo, possibilita a busca de causas inclusive em situações nas quais não é possível estabelecer previsões¹². Esse tipo de determinismo seria caracterizado por um princípio de causalção universal assentado numa busca mais geral das causas dos processos ou eventos. Utilizando Bunge, Hodgson define esse princípio como sendo: *“everything is determined in accordance with laws by something else”* (HODGSON, G., 2004c, p. 186). Na sua visão tal princípio amplifica o compromisso darwiniano de sempre buscar as causas dos fenômenos.

Por meio do determinismo de ubiquidade seria possível encontrar racionalizações mesmo em situações de incerteza e de imprevisibilidade, as quais complexificam e limitam essa busca, mas não a impedem *tout court*. Ele se assenta, em termos aristotélicos, na busca de causas eficientes e não das causas finais. A causa eficiente, na qual Hodgson se foca, é assim definida:

“Efficient causality is similar to the concept of causality in the modern natural sciences. The word ‘efficient’ here does not necessarily refer to an optimal (or any other particular type of) outcome. It simply means capable of having an effect.”
(HODGSON, G., 2004c: 176)

A tradição darwiniana de busca de explicações causais, por outro lado, tem como frente importante de investigação a doutrina da

¹² Esta abordagem de Hodgson baseia-se no tratamento mais amplo de determinismo feito por Bunge que empreende uma interpretação realista da probabilidade, tratada como propensão e não como crença. Insere-a no âmbito de um conceito mais abrangente de determinismo que além das leis determinísticas causais habituais também incorpora as leis de probabilidade, o que passa a ser denominado por Bunge de neodeterminismo (BUNGE, 2010, p 158).



continuidade¹³, defendida por Hodgson. Esta deriva uma heurística de pesquisa adequada para tratar as mudanças graduais e cumulativas. A doutrina da continuidade afirma não ser possível que “(...) *any complex natural phenomenon comes into existence suddenly, and without being preceded by simpler modifications*” (HODGSON, G., 2004c, p.180).

Originalmente Darwin considerou que os resultados complexos da evolução poderiam ser explicados em termos de uma gradual, detalhada e cumulativa sucessão de mecanismos causais. Ele partiu do princípio de que a busca de causalidade deveria evitar saltos, orientando-se, ao contrário, por mecanismos cumulativos endógenos ao sistema em análise. O método proposto por Darwin buscava explicações causais detalhadas e sequenciais, traduzidas na máxima “*natura non facit saltum*”. Na interpretação de Hodgson, a importância desse aspecto da visão de Darwin está não em destacar a lentidão das mudanças na natureza e sim o seu compromisso lógico com uma cadeia de explicações causais: “(...) *Darwin did not simply argue that natural selection worked slowly, he also – and more importantly – upheld that each step was susceptible to causal explanation*” (HODGSON, G., 2004c, p.180).

A busca de causalidades no âmbito do Darwinismo Generalizado se orientaria também por um compromisso inequívoco com a variação, entendida, na Economia, por exemplo, como sendo a consideração da unicidade e heterogeneidade do indivíduo, das organizações e das institucionalidades, bem como das trajetórias históricas particulares dos países. Ela implicaria necessariamente o reconhecimento de que não é possível explicar dada realidade com base em leis gerais e abstratas, requerendo-se também a necessária inserção histórica (LUZ, 2009). A sua teorização realista acerca das características específicas de um sistema complexo e de suas partes

¹³ A qual se filiam Witt e Cordes.



assenta-se no princípio do pensamento populacional do biólogo Ernest Mayr. Este envolve um compromisso ontológico com a variação, delimitando as diferenças entre as espécies, considerando as entidades que compõem dada população como singulares, não idênticas às demais. Nessa concepção, a variação é estável e não é possível se trabalhar com perfis ideais ou padrões abstratos, representativos de dada população. Deve-se sempre partir da diversidade no que tange as partes de um sistema complexo.

Mas Hodgson reconhece que a existência de saltos qualitativos verificados ao longo do processo evolucionário, notadamente na relação entre mundo físico e mundo social, não seriam explicados pela concepção original e muito menos pelos desdobramentos da visão darwiniana. Ele pontua que a novidade qualitativa nesse processo depende da introdução da concepção do materialismo emergentista. Ele destaca que haveria algumas insuficiências do darwinismo original para se equacionar a relação entre o indivíduo, a sua consciência e a sua evolução no plano do social (HODGSON, G., 2004c).

Desde a tradição emergentista¹⁴, por outro lado, Hodgson considera que as substâncias, em especial a mente, não devem ser tratadas como inteiramente separadas e independentes das demais, notadamente a matéria (HODGSON, 2004c, p. 190). Não obstante, considera ser necessário tratá-las numa linha evolutiva mas desde níveis ontológicos distintos, ao mesmo tempo que, numa concepção materialista de ciência, rejeita as formas múltiplas e independentes de busca de causalidade numa mesma realidade.

¹⁴ Sob influência hegeliana, o filósofo da ciência George Henry Lewes formulou a ideia das propriedades emergentes da mente frente à matéria. Uma propriedade emergente não pode ser explicada em termos de seus componentes e suas interações (Hodgson 2004a: 102). Ele seria, para Hodgson, um pai esquecido do institucionalismo americano, na linha de Veblen, tendo antecipado características da noção de *downward causation* no contexto social e reconhecido as instituições como repositórios de conhecimento social (HODGSON, 2004b, p.102 e 107).



Hodgson defende uma ontologia multinível, numa teorização que trabalha em diferentes níveis de abstração, cujo sentido não é apenas pragmático, instrumental, mas visa estabelecer hierarquias lógicas necessárias para uma adequada apreensão da realidade. Esta hierarquia possibilitaria a abordagem multidisciplinar de dado aspecto da realidade, evitando-se, por exemplo, a dicotomia entre o mundo físico e o mundo social, articulados desde um plano metodológico. Este é um aspecto distintivo fundamental do Darwinismo Generalizado.

A perspectiva materialista, darwiniana e evolucionária de Hodgson o leva a considerar que qualquer hipótese comportamental adotada num dado campo de estudo, a Ciência Social, por exemplo, deve ser consistente com os fundamentos mais gerais já estabelecidos pela Biologia. Em outros termos, elas devem ser compatíveis com uma linha de explicações causais em termos evolucionários. Essa forma de tratamento da realidade é desdobrada por Hodgson na concepção de que os princípios de um nível ontológico superior devem ser consistentes com uma compreensão científica dos níveis ontológicos inferiores¹⁵.

O Darwinismo Generalizado seria essa meta teoria, de natureza aberta, capaz de conferir uma ossatura metodológica a ser preenchida com explicações específicas a um dado sistema populacional complexo, aberto e em evolução. Ela requer, necessariamente, conforme já dito, explicações peculiares a cada área de conhecimento para a configuração de uma teorização. Daí são buscadas as especificidades no que tange às formas de manifestação dos princípios componentes da meta teoria num sistema complexo particular.

Hodgson considera que cada sistema populacional complexo peculiar possui explicações próprias, dimensões sobre a dinâmica dos princípios de

¹⁵ Desdobramento construído pelo autor desde a linha de análise de Edward Osborne Wilson, entomologista e biólogo americano conhecido por seu trabalho com ecologia, evolução e sociobiologia (HODGSON, G., 2004, p.47).



variação, hereditariedade e seleção, e da forma como os demais princípios e a ontologia multinível são aplicados. Não equivalem, como já dito, à transposição para a Economia das teorias específicas da Biologia, vinculadas, por exemplo, à Teoria Sintética da Evolução. Isso sinaliza que o autor trabalha utilizando a Biologia como uma meta teoria e não uma teoria geral da evolução passível de ser aplicada a qualquer área de conhecimento.

Segundo Hodgson, o movimento fundante de aplicação do Darwinismo Generalizado à Economia, não como analogia, mas como estrutura metodológica, teria sido delineado por Veblen, ao aplicar no sistema social os princípios darwinianos de hereditariedade, variação e seleção. Para Hodgson, Veblen teria intuído a necessidade de se trabalhar em níveis múltiplos, ao buscar uma explicação causal cumulativa que envolvesse o compromisso de aplicar a causa eficiente passo a passo ao longo de uma trajetória evolutiva associada a um sistema complexo. Isso teria sido empreendido pela aplicação não reducionista dos princípios darwinianos originais no plano social, agregando teorizações específicas da Economia.

Desta forma tem-se a terceira linha da construção metodológica de Hodgson, desde as contribuições de Veblen e do velho institucionalismo norte americano. Ela evidencia a relação da meta teoria darwiniana com a sua aplicação a um sistema populacional complexo de âmbito econômico. Em Veblen, o darwinismo não seria interpretado de maneira estreita como sendo os indivíduos selecionados num ambiente fixo, mas sim num ambiente que muda por meio da interação entre indivíduos criativos (HODGSON, G., 2004a, p. 140). Ele aplicaria o darwinismo tratando da origem, crescimento, permanência e variação das instituições, explicando como as instituições afetam a personalidade dos indivíduos, cunhando o termo “*cumulative downward causation*” (HODGSON, G., 2004a: 152).



A “*cumulative downward causation*”¹⁶ envolveria uma sequência cumulativa de causas e efeitos, na qual processos de um nível mais baixo na hierarquia de explicações são restritos por e agem conforme leis de níveis mais elevados. As estruturas aparecem como limitadoras da ação dos indivíduos, posto que, na explicação de Veblen, ficam explícitos os efeitos da estrutura sobre o indivíduo, resultantes de poderes causais associados especialmente aos níveis de explicação mais elevados.

O conceito de “*cumulative downward causation*” tem sido seguidamente aprimorado por Hodgson, transformado numa versão mais branda denominada de “*reconstitutive downward causation*”, na qual as instituições restringem e ensejam o comportamento dos indivíduos. Recentemente esse conceito foi por ele requalificado transformando-se em “*reconstitutive downward effects*”¹⁷. Nessa última versão ele recusa explicitamente a ideia de que leis ou forças sociais no nível das estruturas possam perturbar princípios que governam a operação da atividade mental ou física em nível do indivíduo. Afirma que a literatura sobre esse assunto diz respeito a relações ontológicas entre níveis, envolvendo explanação e determinação e não causalidade. Pontua que a ideia de causação poderia sugerir um apelo a causas misteriosas provenientes de níveis mais elevados. A noção de efeito

¹⁶ Kim (2008 apud PRADO, 2009, p. 30) considera essa noção como incoerente e paradoxal, posto conter uma circularidade viciosa: o nível mais baixo causa ou determina o nível mais alto, sendo por sua vez causado e determinado por esse mesmo nível mais alto. Ela não seria logicamente aceitável nem sincronicamente nem diacronicamente.

¹⁷ Uma nota explicativa no site de Hodgson (<http://www.geoffrey-hodgson.info/downward-causation.htm>) destaca a origem do conceito de “*downward causation*”, sua alteração por ele para o “*reconstitutive downward causation*” chegando-se, por fim, à ideia de “*reconstitutive downward effects*”.



introduziria um híbrido de relações constitutivas (entre diferentes níveis ontológicos) e relações causais (que só poderiam se dar no mesmo nível ontológico). Desta forma, parece caminhar gradualmente de uma visão saltacionista para uma visão dedutivista de complexidade.

A aplicação da meta teoria darwiniana à Economia, iniciada especialmente por Veblen, seria desdobrada por Hodgson por meio do desenvolvimento dos conceitos fundamentais desse autor, mantendo a coerência com os fundamentos metodológicos subjacentes ao Darwinismo Generalizado. Envolveria a montagem de uma explanação na qual os conceitos são hierarquizados desde o conceito de hábito, preenchendo as lacunas teóricas deixadas por Veblen na caracterização desse conceito, articulando-o mais adequadamente ao conceito de instituições.

Para Hodgson, Veblen teve *insights* fundamentais, mas não conseguiu desenvolver de maneira clara e suficiente uma metodologia e uma teoria evolucionária compreensiva, assentada numa ontologia em níveis, comprometida com o pensamento populacional (HODGSON, G., 2004a, p. 192-193). O desenvolvimento da perspectiva do Darwinismo Generalizado, notadamente desde o materialismo emergentista e a ontologia multinível, seriam cruciais para que a abordagem de Veblen fosse complementada. Exatamente esses dois elementos é que possibilitariam, na percepção de Hodgson, a reconciliação entre a intencionalidade humana e a causalidade, a qual não teria sido alcançada por Veblen e nem mesmo por Darwin (HODGSON, G., 2008a, p. 404).

Hodgson resgata de Veblen o conceito de hábito como unidade conceitual básica, discutido conjugando-se as ideias de instinto e razão desse autor, na sua tentativa de solucionar o dilema



indivíduo versus estrutura. Busca, por meio da Psicologia Cognitiva, aprofundar o entendimento de quem é o indivíduo que decide. No que tange às instituições, persegue a sua articulação com o conceito de hábito, desenvolvendo as concepções de Veblen de considerá-las como repositórios do conhecimento social. Hodgson defende que o Darwinismo Generalizado apresentaria uma saída evolucionista para o dilema. Daí a sua convicção de que esse referencial pode ser novamente apropriado pela Economia, fazendo-a avançar teoricamente.

Outra frente de análise de Hodgson busca aprimorar suas conceituações microinstitucionais básicas, notadamente os conceitos de hábitos e rotinas¹⁸. Vem aprofundando e articulando o conceito de rotinas de Nelson e Winter (1982), considerando esse conceito aplicável a organizações sociais. Desta forma, trabalha com diferentes instâncias de seleção evolucionária: hábitos, rotinas, instituições, sem a preocupação de encontrar nelas o mesmo sentido da teoria Sintética da Evolução da Biologia e de sua correspondente abordagem dos genes e da mutação genética.

Sua releitura do conceito de hábitos desencadeou na sua obra uma teorização sobre uma forma bem interessante de se entender o processo decisório individual e a informação. Tratando de maneira evolucionária o indivíduo, evidencia as suas habilidades, propósitos e preferências não como pré-estabelecidos, mas passíveis de alterações no tempo e de interações com as

¹⁸ “A essência do hábito é a predisposição adquirida de maneiras ou modos de resposta. Comportamento repetido é importante para estabelecer um hábito. Mas o hábito e o comportamento não são os mesmos. Adquirir um hábito não é necessariamente usá-lo o tempo todo. Muitos hábitos são inconscientes. Hábitos são repertórios de pensamento ou comportamento potencial, a ser desencadeado por um estímulo ou contexto adequado” (HODGSON, G., 2007a, p.106).



instituições nas quais está inserido¹⁹. Desta forma, o “*self*” não é dado, requerendo-se teorizá-lo e estabelecendo-se as consequências que isso tem sobre as teorizações que dele se derivam.

Em termos gerais, a sua concepção do indivíduo privilegia a heterogeneidade cognitiva, a interação complexa com os demais e com o contexto no qual se inserem. Considera que ele tem a capacidade de mudar e de aprender por meio da interação e da experiência (HODGSON, G., 2009a, p. 4). A apreensão da realidade pelo indivíduo não é direta, mas sim a partir de filtros cognitivos, socialmente construídos. Desta maneira, apresenta uma visão bem peculiar do indivíduo, das decisões individuais e da informação, atravessadas por mediações de natureza objetiva e subjetiva.

Acerca da informação, Hodgson evidencia que a maneira predominante segundo a qual se especificam os problemas nessa temática na Economia é demasiado estreita. Sob a influência empirista concebe-se geralmente que as informações estão dadas para os agentes e eles são capazes de aprender e descobrir as características essenciais do mundo simplesmente através da observação e da experiência. Esta visão desconsidera o caráter social da cognição, da indagação e da aprendizagem (HODGSON, G., 2000b, p. 33); (HODGSON, G., 2009b, p 14).

Tratando o indivíduo na sua heterogeneidade bem como a partir das mediações complexas existentes entre ele e as informações que o circundam, Hodgson busca determinantes das decisões individuais muito mais elaborados do que pressupõe o

¹⁹ Esse seria o principal diferencial do Antigo Institucionalismo que Hodgson procura resgatar, conforme explicita claramente em Hodgson (2000a) e que o distingue, por exemplo, do Institucionalismo da Nova Economia Institucional e da abordagem neoclássica tradicional.



mainstream. Para Hodgson, a teorização acerca de tais decisões passa necessariamente pela abordagem de hábitos e regras. (HODGSON, G., 2000b, p. 12).

Conjugando de maneira abrangente as frentes de teorização acerca da decisão individual a partir das visões de maior destaque na Economia, o autor constrói uma taxonomia inédita, agregando também a concepção que desenvolve com base no antigo institucionalismo, resultando daí sete tipos de situações. Cada situação dependeria tanto da capacidade mental do agente e demais elementos subjetivos, quanto do contexto de decisão ou de aspectos objetivos (HODGSON, G., 2000b, p. 12 e 15). São elas: a comunicação, a aprendizagem, a cognição, a incerteza, a complexidade, a vastidão e a otimização. Em todas essas situações o autor evidencia que os hábitos e as regras fundamentariam o comportamento do agente.

Desta forma, Hodgson opta por teorizar a regularidade desde os conceitos de hábitos e regras, as quais, todavia, não são vistas de modo estático e sim de forma evolutiva, buscando a sua origem, evolução, declínio e substituição. O tratamento da novidade, da ação criativa e imprevista se daria, sob esta perspectiva, não em si mesmo, mas no âmbito de um processo de substituição de hábitos e regras²⁰.

Na sua concepção de decisão individual e do comportamento do agente, Hodgson evidencia os limites das visões

²⁰ Deve-se pontuar que ele não pressupõe que **toda** ação individual seja necessariamente dirigida por essa lógica: existiriam também ações orientadas pela novidade e pela criatividade. Estas últimas poderiam ser indeterminadas, sem causa ou mesmo surgir do choque ou combinação de linguagens ou regras rivais. Ao focar teoricamente em hábitos e regras, Hodgson desenvolve ao limite a racionalização do processo decisório, o que não implica, de maneira alguma, rejeitar a existência de ações espontâneas e criativas.



restritivas em termos da relação do mesmo com a informação e o contexto social. A forma adequada de discutir a tomada de decisão seria considerando-se a mesma no âmbito de processos sociais envolvidos na cognição, na aprendizagem e na comunicação os quais gerariam os hábitos e as regras (HODGSON, G., 2000b, p. 32).

Ele distingue dados sensoriais de informação, considerando que os dados sensoriais *“consisten en una multitud de señales auditivas, visuales y de otro tipo que llegan al cerebro”* (HODGSON, G., 2000b, p.26). As informações, por outro lado, requerem *“un marco conceptual previo a la mezclanza de estímulos neurológicos, el cual involucra supuestos implícitos o explícitos, de categoría o teorías que no se pueden derivar en sí mismas únicamente de los datos sensoriales”* (HODGSON, G., 2000b, p. 27).

Desde essa visão da informação, a comunicação se daria mediada pela linguagem e por símbolos, caracterizando o processo social mais abrangente desencadeado pelas relações estabelecidas entre os indivíduos (HODGSON, G., 2000b, p. 14-15). Esta seria a forma mais ampla de se tratar o processo decisório do qual o indivíduo participa.

*A aprendizagem, por outro lado, seria um processo também social, um pouco mais específico, por tratar da aquisição pelo indivíduo do conhecimento essencial sobre o mundo por meio do desenvolvimento da cognição e da aquisição de habilidades práticas e intelectuais.*²¹ A aprendizagem seria uma agregação pelo

²¹ Segundo Hodgson, o *mainstream* trata a aprendizagem de maneira insuficiente, como sendo a “mera aquisição e acumulação de informação, como se fosse uma substância transferível de fora” (HODGSON, G., 2000b, p. 28). Nos processos de aprendizagem descritos nos modelos bayesianos e orientados pela busca de um ótimo está implícito o suposto de um conhecimento prévio correto da parte do agente, trazendo um sentido bem restritivo à noção de aprendizagem.



indivíduo de informações no âmbito de um mesmo marco conceitual²² ou por meio da configuração de novos marcos conceituais, desde o campo psicológico e cultural no qual o agente se encontra inserido (HODGSON, G., 2000b, p. 30). Ela denotaria que o conhecimento é mutável e reflete a relação do agente com o ambiente social. No processo de aprendizagem a adoção de hábitos e regras seria essencial, a despeito de eventualmente estes também poderem funcionar como elementos de restrição à criatividade (HODGSON, G., 2000b, p. 28 e 31).

Inserese nessa forma de tratar o indivíduo e a informação o tratamento dos processos cognitivos, trazendo para o campo da análise econômica elementos geralmente discutidos pela Psicologia Cognitiva, alçando a cognição a uma dimensão também socialmente construída, a despeito de seu caráter mais delimitado do que a aprendizagem e a comunicação, posto estar localizada no campo do indivíduo e de suas formas específicas de conceber a realidade.

Para Hodgson, as abordagens do processo decisório de Simon, e mesmo de Knight e Keynes, ignorariam o caráter social da tomada de decisões, daí não aprofundando a discussão acerca da origem e da evolução dos hábitos e rotinas (HODGSON, G., 2000b, p. 34-35). O ponto de apoio dessas análises seria o contexto de incerteza do indivíduo, no qual o mesmo *não pode obter a*

²² Os marcos conceituais equivaleriam a hábitos cognitivos forjados por meio do desenvolvimento e da educação do indivíduo, fundando-se principalmente em hábitos e no conhecimento tácito e não em regras conscientes e codificáveis. Por meio da cognição o indivíduo impõe uma interpretação restritiva aos dados, ignorando muitos deles, limitando as oportunidades, ao mesmo tempo ensejando a sua compreensão acerca do ambiente em que se encontra (HODGSON, G., 2000b, p. 27- 28). A percepção é vista por Hodgson como “*un acto de categorización y, en general, tales categorías son aprendidas*” (HODGSON, G., 2000b, p. 27).



informação nem calcular a probabilidade dos eventos futuros (HODGSON, G., 2000b, p. 25), posto ser impossível o cálculo ou a atribuição de uma probabilidade numérica ao futuro. Tratar dos aspectos sociais da tomada de decisão permitiria a Hodgson avançar nessa teorização interrompida por tais autores no âmbito do indivíduo, a despeito de mesmo num contexto dessa natureza, sobre o qual pouco se pode afirmar *a priori*, ser razoável supor que os agentes orientem as suas decisões a partir de regras ou rotinas simples, imitando os demais ou seguindo convenções pré-estabelecidas. A incerteza, portanto, seria um ponto de vista analítico que trata o processo decisório sob o foco do indivíduo que não controla as condições ambientais, nem alcança prever o futuro que circunda a decisão que tomará.

A racionalidade limitada de Simon, na qual o agente não busca o ótimo, posto não ser possível atingi-lo, e sim um nível satisfatório, a questão é o gap entre a complexidade do ambiente de decisão e a capacidade analítica e computacional do agente, tratada como sendo uma situação de complexidade. O ambiente complexo se apresenta como um sistema vasto e interdependente, com densos encadeamentos e interações entre as suas partes, sendo traduzido na abordagem que assim se orienta desde o prisma do problema da limitação do agente em obter, analisar ou mesmo usar a informação. Hodgson pontua que desde a racionalidade limitada não se teoriza a interação do indivíduo com o meio e a troca de informações entre os mesmos. Mas mesmo nessa perspectiva analítica mais estreita, os hábitos e regras empíricas tenderiam a fundamentar as decisões dos agentes individuais (HODGSON, G., 2000b, p. 24).

Por fim, *as situações de vastidão e de otimização, discutidas no escopo do individualismo metodológico, são ainda mais restritivas*



para se analisar os processos decisórios. A vastidão é tratável pela teoria dos custos de transação supondo-se que se tem potencialmente fácil acesso à informação, mas a mesma é quantitativamente numerosa e requer tempo ou outros recursos para a sua obtenção (HODGSON, G., 2000b, p. 18-20). A otimização, por outro lado, supõe um conjunto de informações conhecidas e quantificáveis, sob as quais é possível empregar procedimentos e regras de cálculo visando encontrar um ótimo. Ele destaca que a otimização simplifica tremendamente a relação do indivíduo com a informação, desconsiderando qualquer mediação entre ele e o meio. Mas mesmo nesta situação analítica limite a decisão do indivíduo não deixa de depender das próprias regras de maximização ditadas pelo cálculo matemático (HODGSON, G., 2000b, p. 17).

Em síntese, o perfil de agente teorizado pelo autor destaca a interação com os demais e o meio nos processos de tomada de decisão, denotando as limitações individuais e sociais do conhecimento humano bem como da sua capacidade para tomar decisões. Como aspecto mais geral, capaz de explicar teoricamente o comportamento do agente nas sete situações classificadas pelo autor, aparece a fundamentação em regras e nos hábitos. Isso faz, na visão do autor, dos conceitos de hábitos e regras elementos fundamentais para a construção de microfundamentos sólidos para a Economia, conjugando de maneira abrangente a sua visão do indivíduo, do processo decisório e da informação (HODGSON, G., 2000b, p. 12). Apresentadas as principais contribuições da abordagem de Hodgson, de um ponto de vista ontológico, o próximo passo é evidenciar eventuais limites de sua proposição.



3. Limites da abordagem proposta por Hodgson

Um dos elementos fundamentais do Darwinismo Generalizado, conforme proposto por Hodgson (2002), é o conceito de sistema populacional complexo e a atuação dos princípios de hereditariedade, variação e seleção. Dada a importância crucial desses sistemas, que devem servir não apenas como um artifício para eventuais simulações quantitativas mas também para delimitar o campo de aplicação do Darwinismo Generalizado, é conveniente que a sua definição seja genérica e abrangente. A escassez localizada de recursos, a noção de luta pela sobrevivência e a vigência do princípio da seleção natural, todos de origem darwiniana, são tomados como postulados de tais sistemas. O simples transladar desses elementos teóricos para a Economia resulta numa naturalização de dada estrutura em termos da geração e distribuição prévia dos recursos, abdicando de explicar como a mesma se configurou ou ao menos identificá-la como sendo assimetrias estruturais previamente configuradas. Em vários campos da Economia as assimetrias cumulativas no tempo afetam o comportamento corrente das entidades que compõem uma dada população.

A incorporação da ideia de escassez localizada como elemento característico desses sistemas, típica da abordagem neoclássica, embute na meta teoria proposta por Hodgson aspectos extremamente restritivos. Nesses mesmos sistemas populacionais complexos vigora a noção darwiniana de luta pela sobrevivência e da concorrência por recursos escassos, a despeito de serem colocadas como metáforas pelo próprio Darwin e interpretadas de uma maneira mais abrangente por Hodgson (o qual diz que o processo evolutivo também pode envolver a cooperação e a adaptação). Não obstante, são tomadas como pressupostos



fundamentais do seu sistema populacional complexo. Isso confere a esse comportamento o *status* de elemento ontológico, alçando o mesmo a um nível de generalidade que ele não tem, ao menos na Economia, e que tem sido sutilizado ou no limite questionado no âmbito da própria Biologia Moderna²³.

Esses elementos darwinianos inserem componentes de individualismo histórico e político (BUNGE, 2000) na análise de Hodgson os quais comprometem a generalidade da sua meta teoria, embutindo e cristalizando de maneira subreptícia aspectos históricos específicos, aspectos esses assentados numa perspectiva individualista/liberal de realidade. A despeito da sutilização feita por Hodgson, o peso preponderante do conceito de luta pela sobrevivência na visão original de Darwin denota que a influência na sua obra da doutrina de Malthus²⁴ vai além de uma metáfora.²⁵

Não é também evidente que os princípios darwinianos de herança, variação e seleção, notadamente a seleção natural, sejam gerais o suficiente para compor uma meta teoria aplicável a um sistema populacional complexo, em qualquer área de conhecimento. Aceitáveis na Economia sob o ponto de vista da analogia²⁶, tais princípios no mínimo requerem qualificações

²³ Conforme pontua Abdalla (2010), acerca da Biologia apresentando algumas visões que sutilizam e até recusam a visão evolucionista darwiniana.

²⁴ Muito já se escreveu sobre isso. A despeito de ser precipitado reduzir Darwin a Malthus tem-se que essa noção de luta pela sobrevivência é explicitamente uma influência de Malthus sobre o mesmo.

²⁵ Darwin admite textualmente que sua teoria da evolução “é a doutrina de Malthus, aplicada aos reinos vegetal e animal” (Darwin, 2005, apud ABDALLA, 2010), além de também fazer apreciações sobre essa influência em sua autobiografia (GOULD, 1999, p.11); (ABDALLA, 2010).

²⁶ Conforme análise relevante feita por Nelson e Winter a partir do trabalho seminal de 1982.



adicionais para se manterem como construtos teóricos ontológicos. Além disso, no desenvolvimento da teorização de um nível mais abstrato para outro mais concreto, promovido por Hodgson no campo da Economia, esses princípios parecem funcionar como a heurística fundamental, ficando os demais aspectos metodológicos por ele levantados relativamente à margem.

Efetivamente a aplicação do princípio da seleção natural no ambiente socioeconômico, tal como a ideia da escassez e da luta pela sobrevivência, embute uma homogeneização dos efeitos da estrutura sobre o indivíduo. Essa homogeneização implica a desconsideração de assimetrias estruturais prévias, as quais definem papéis distintos dos agentes historicamente estabelecidos.

Adicionalmente, utilizar esses elementos darwinianos como uma ontologia aplicável ao campo da Economia, traz um reducionismo que exclui *a priori* a particularidade humana de produzir a sua subsistência por meio do trabalho e da tendência de alguns se apropriarem do excedente gerado não apenas para sua sobrevivência, mas também para exercer a dominação sobre os demais²⁷. Como o darwinismo não está equipado para lidar com saltos qualitativos, conforme reconhece o próprio Hodgson ao evidenciar necessidade de se incorporar a ideia de propriedades emergentes, essa peculiaridade humana frente aos animais fica *a priori* soterrada nos pressupostos restritivos do sistema populacional complexo e dos princípios. Isto também restringe as explicações do salto qualitativo necessário para conciliar a

²⁷ Engels está certo ao afirmar que na análise social é fundamental discutir a geração e a repartição do excedente por frações da sociedade. A luta pela sobrevivência não dá conta da dinâmica social em nenhuma etapa da história humana (ENGELS, 1979); (PRADO, 2008).



intencionalidade humana e o processo evolutivo natural, que distingue o homem frente à natureza.

Seguindo a tradição vebleniana, Hodgson considera que esses problemas seriam sanados com aplicação da meta teoria à Economia e com uma teorização específica que evidencie as formas de manifestação das noções darwinianas nesse campo. Não obstante, o darwinismo como meta teoria já cumpriu o papel de retirar importantes elementos de cena. Estes aspectos não são suficientemente explicados pela emulação pecuniária de Veblen, que discute as origens antropológicas da disputa e dos papéis sociais de homens e mulheres como desdobramento dos princípios darwinianos. Tais diferenças de papéis seriam construídas desde fatores subjetivos relacionados à supremacia pessoal ao longo do tempo, exercida no processo de luta pela sobrevivência e corporificada, em dado momento, pela posse privilegiada de propriedades (VEBLEN, 1983).

Todavia, a simples aplicação do princípio da seleção em níveis ontológicos distintos não é suficiente para corrigir os excessos reducionistas do darwinismo²⁸. O próprio Hodgson reconhece que a teorização sobre a intencionalidade humana e suas peculiaridades não estão feitas a contento desde Darwin e mesmo em Veblen. E é nas teorias da complexidade, da auto-organização e do emergentismo que ele vai perseguir saídas para isso. Mas a complementaridade entre a perspectiva darwiniana e as teorias da auto-organização, defendida por Hodgson e mesmo por autores da

²⁸ Típico de autores que trabalham com um darwinismo mais estreito, relativamente próximo à biologia, daí propondo generalizações para outras áreas desde aqueles conceitos, os quais Nelson (2006, p. 74) associa com Dawkins (1976, 1983) e Daniel Dennett (1995).



Biologia *mainstream*, não parece ser tão trivial²⁹. Ao tomar o darwinismo como uma meta teoria e como uma base inequívoca de sua ontologia evolucionária ele traz embutidos os problemas inerentes a esses princípios (HODGSON, 2002, p. 271).

O caminho tomado por Hodgson parece denotar uma opção de se trabalhar com as assimetrias apenas no plano da cognição dos agentes, avançando desde a Psicologia Cognitiva e os modelos de simulação baseados em agentes. Por conseguinte, os sistemas populacionais complexos por ele definidos, a sua meta teoria e a sua ontologia não incorporariam assimetrias estruturais, as quais não poderão ser totalmente redutíveis às unidades que compõem dada população. Isso se torna mais grave no caso da Economia posto que as assimetrias relevantes não estão restritas à preferência dos indivíduos e à sua cognição. Elas envolvem também os impactos diferenciados da estrutura sobre o indivíduo, a depender do ponto de partida da análise, o qual define a posição dos mesmos no contexto social, na produção e na distribuição do excedente.

Especificamente com relação à falta de generalidade do princípio de seleção no campo da Economia algumas

²⁹ A visão da auto-organização na Biologia é a principal responsável pela relativização do princípio da seleção natural, base da visão darwiniana, daí a dúvida de que existe uma compatibilidade entre auto-organização e seleção natural. Numa linha heterodoxa mais extrema na Biologia, Máximo Sandín utiliza os dados da paleontologia (registro fóssil) para confirmar sua hipótese de que a evolução ocorreu não gradualmente e cumulativamente, mas sim por meio de mudanças bruscas, em episódios específicos e sem fases intermediárias (Sandín, 2006). Ele acredita que “os vírus são a resposta para o enigma da evolução, que não começaria do zero a cada vez que surge uma nova forma de vida” (Margulis e Sagan, 2002b, p. 23). Lynn Margulis, numa linha crítica menos radical, rejeita apenas o neodarwinismo nas suas pesquisas do mundo microbiológico. Utiliza a ótica da auto-organização para analisar os fenômenos mais complexos da Biologia, nos níveis moleculares e bioquímico (ABDALLA, 2010, p.76).



incongruências esparsas podem ser apontadas. Ela não seria adequada, por exemplo, a análises de organizações públicas, conforme pontua Nelson (2006):

“in many areas of culture the principal organizational actors are non-profit or public organizations. Primary and secondary education, and hospitals, are good cases in point. So is science. In these and similar arenas, the values influencing selection may have little or nothing to do with assessments of the performance of particular actors.”
(NELSON, 2006, p. 88).

Mas essa não é a única frente na qual parece arriscado conferir ao princípio da seleção o *status* de componente importante na meta teoria que se deseja estabelecer. Um exemplo isolado, dado pelo próprio Hodgson (2004a, p. 47-48), evidencia dificuldades com a aplicação deste princípio. Visando explicar porque as instituições anglo-saxãs dominaram a Austrália, o autor lança mão da seleção de instituições como argumento explicativo. Desta forma, implicitamente desconsidera a relação política assimétrica prévia verificada entre essas nações denotando que, especialmente fora da lógica do mercado, a aplicação do princípio da seleção³⁰

³⁰ No campo biológico, o princípio da seleção natural também parece ter sido bastante relativizado desde Darwin pela visão da auto-organização. A aceitação de comportamentos adaptativos e cooperativos, como, por exemplo, na simbiose e fusão de bactérias ou de vírus, conforme faz Margulis e Sandin; a relativização do papel do meio como agente selecionador; o questionamento da ideia de que existe o ‘mais apto’ na luta pela sobrevivência, os quais são agraciados com a possibilidade de ter uma prole maior. Nesse contexto, o conceito chave do darwinismo - a seleção natural - (...) ficaria relegado a um papel não só secundário no processo evolutivo, senão que ocasional e vazio de conteúdo como mecanismo de evolução. (...) (SANDÍN, 1997, apud ABDALLA, p. 121, 2010).



deve ser extremamente cautelosa para se evitar interpretações falsas e justificadoras do *status quo*.

Mesmo no campo do mercado, Possas (2008) pondera acerca das qualificações adicionais necessárias para a aplicação do princípio de seleção. Ele destaca que a firma depende não só do ambiente de seleção e das estratégias que adota, estando também condicionada por aspectos estruturais prévios, correlatos à trajetória tecnológica. Para ele, além da seleção natural, deveria ser considerada, no âmbito da firma, a aprendizagem adaptativa, a ser incluída no rol de mecanismos de seleção³¹. Possas pondera que, ao introduzir o aprendizado, as rotinas empresariais não permaneceriam estáveis, bem como as demais unidades de seleção definidas por Hodgson (hábitos e instituições). Desta maneira ficaria pouco claro o que exatamente seria selecionado e muito menos a partir de qual base atuariam os mecanismos de variação e hereditariedade.

Outro ponto pouco claro na abordagem de Hodgson é a compatibilização da doutrina da continuidade (de inspiração darwiniana), e que tem como heurística o tratamento das mudanças graduais, com o tratamento das mudanças por meio de saltos, que utiliza a auto-organização e o emergentismo materialista como base. Hodgson afirma que a doutrina da continuidade significa simplesmente que o social é baseado no mundo biológico (HODGSON, G., 2007, p. 272). Mas essa compatibilidade não é óbvia do ponto de vista de uma heurística de pesquisa, especialmente quando se adentra o terreno da Economia e das aplicações concretas desse referencial, como ele tem feito no estudo das rotinas. A despeito da relevante discussão que Hodgson

³¹ O que, segundo Possas (2008), Nelson e Winter não teriam alcançado na sua abordagem evolucionista pautada no conceito de rotinas.



faz acerca da emergência e da ontologia multinível, sua proposta ontológica não parece estabelecer claramente como a mudança gradual e a mudança por saltos se articulariam.

Em termos da explicação da mudança tecnológica, por exemplo, a abordagem neo-schumpeteriana solucionou esse problema dos saltos e da continuidade discutindo mudanças no âmbito de dada trajetória tecnológica, em diferentes trajetórias e, no limite, de um novo paradigma tecnológico (POSSAS, 2008).

Em síntese, os princípios darwinianos não são gerais o suficiente para enquadrar os processos evolutivos socioeconômicos e configurar, por meio do Darwinismo Generalizado, uma nova ontologia para a Economia, a despeito de poderem ser utilizados por meio de metáforas ou analogias. Esses princípios assim tratados poderiam inclusive equivaler à importação da Biologia de uma corrente nesta dominante, possivelmente tão imperialista e reducionista (ABDALLA, 2010, p.97) como a visão neoclássica na Economia.

Pergunta-se se não seria mais abrangente, no quadro atual, perseguir uma ontologia orgânica, complexa e sistêmica pautada nos desdobramentos metodológicos mais modernos da Biologia, não darwinistas. A Biologia da complexidade, não fundada nos princípios darwinianos - notadamente na escassez, na luta pela sobrevivência e no princípio de seleção -, poderia contribuir para a construção de uma ontologia mais robusta para a Economia, além de também poder oferecer caminhos interessantes de modelização matemática, capazes de ilustrar e auxiliar na explicação de situações instáveis, não passíveis de previsão, no campo econômico.



4. Conclusão

A busca de uma nova ontologia para a Economia, de caráter mais abrangente e para além da abordagem clássica desse assunto, está sujeita a diversas armadilhas metodológicas. O maior risco é o de não se alcançar um nível de generalidade³² na construção de uma eventual meta teoria ou paradigma, de forma que se garanta a compatibilidade com o que já foi teorizado no campo da Economia e, ao mesmo tempo, se alcance relevância suficiente de forma a ampliar a abordagem, dando conta de dimensões da esfera social e da cultura ainda não satisfatoriamente discutidas no campo econômico³³.

O caminho da construção de uma teorização evolucionária não parece ser tão unívoco na direção proposta por Hodgson, defrontando-se com muitas bifurcações, às quais vão definindo, à medida que se escolhe uma via das alternativas, restrições específicas. Por outro lado, os riscos de se embutir inadvertidamente elementos específicos da Biologia, analogias biológicas ou mesmo incorrer em reducionismos biológicos não são simples de se evitar, a despeito desses serem explicitamente repelidos pelo próprio Hodgson³⁴.

³² No caso de Hodgson, Vromen identifica um possível dilema entre construir uma meta teoria geral o suficiente para ser aplicável a processos evolucionários em qualquer campo de conhecimento, que, ao mesmo tempo, seja imprescindível em termos de conteúdo no sentido de guiar a construção de uma teorização pautada na busca de cadeias de causalidade sem incorrer em reducionismos biológicos (VROMEN, 2007, p 21).

³³ Conforme denota a preocupação de Nelson (2006, p. 85-86).

³⁴ Vromen coloca que não é suficiente rechaçar a analogia biológica. A opção pelo uso da Biologia Darwiniana como uma ontologia, nos termos do Darwinismo Generalizado, envolveria, a seu ver, desafios cruciais no plano ontológico



Sugere-se que existem componentes importantes a serem preservados na contribuição de Hodgson. Mas um elemento central da mesma, a utilização das noções darwinianas de escassez localizada de recursos, a luta pela sobrevivência e o princípio da seleção natural são excessivamente reducionistas para funcionarem como base ontológica.

Referências bibliográficas

ABDALLA, M. **La crisis latente del darwinismo**. Murcia: Cauac Editorial, 2010.

BUENO, N. P. **Lógica da ação coletiva, instituições e crescimento econômico**: uma resenha temática sobre a Nova Economia Institucional. Economia, Brasília, 5 (2) p. 361-420 julho/dezembro 2004. Disponível em: <http://econpapers.repec.org/article/anpeconom/v_3a5_3ay_3a2_004_3ai_3a2_3ap_3a361-420.htm> Acesso em 04 de novembro de 2015.

BUNGE, M. **Ten Modes of Individualism – None of Which Works – And Their Alternatives**. Philosophy of the Social Sciences. 30(3), pp. 384-406, 2000.

CONCEIÇÃO, O. A. C. **Os antigos, os novos e os neo-institucionalistas**: há convergência teórica no pensamento institucionalista? Análise Econômica, volume 19, nº 36, 2001. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/10664> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **Há compatibilidade entre a “tecnologia social” de Nelson e a “causalidade vebleniana” de Hodgson?** XV Encontro Nacional de Economia Política, São Luiz, MA, 2010. Disponível em:

propriamente dito, notadamente se o mesmo é entendido como uma heurística (VROMEN, 2007, p. 1).



<http://www.sep.org.br/artigo/2065_8f10e47e63073e89e4097efeb30ed133.pdf> Acesso em 15 de dezembro de 2015.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HODGSON, G. M. **Economia e instituições**. Oeiras: Celta, 1994.

_____. **On the evolution of Thorstein Veblen's evolutionary economics**. Cambridge Journal of Economics, volume 22, 415-431, 1998a. Disponível em: <<http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/evveblenec.pdf>> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **The approach of Institutional Economics**. Journal of Economic Literature, volume 36, nº 1, 166-192, 1998b. Disponível em: <<http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/approachinec.pdf>> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **What is the essence of institutional economics?** Journal of Economics Issues, volume XXXIV, nº 2, 2000a. Disponível em <<http://web.cenet.org.cn/upfile/69017.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **La ubicuidad de los hábitos y las reglas**. Revista de Economía Institucional, volume 2, nº 3, 11-43, 2000b. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/419/41900302.pdf>> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **Darwinism in economics: from analogy to ontology**. Journal of Evolutionary Economics, volume 12, 259-281, 2002a. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/gbfharbhtlnmxl39/fulltext.pdf>> Acesso em janeiro de 2016.



_____. **The Hidden Persuaders:** Institutions and Individuals in Economic Theory. *Cambridge Journal of Economics*, volume 27, nº 2, 159-175, 2003b. Disponível em: <<http://cje.oxfordjournals.org/content/27/2/159.full.pdf+html>> Acesso em janeiro de 2016.

_____. **The Evolution of Institutional Economics:** Agency, Structure and Darwinism in American Institutionalism. London and New York: Routledge, 2004a.

_____. **The Nature and Replication of Routines. Second Conference on Organizational Routines**, Nice, 2004b. Disponível em: <<http://www.gredeg.cnrs.fr/routines/workshop/papers/Hodgson.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **Darwinism, causality and the social sciences.** *Journal of Economic Methodology*, volume 11, nº 2, 175-194, 2004c. Disponível em <<http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/darwincausality.pdf>>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **What Are Institutions?** *Journal of Economic Issues*, volume XL, nº 1, 2006. Disponível em <<http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/whatareinstitutions.pdf>> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **Institutions and Individuals: Interaction and Evolution.** *Organization Studies*, volume 28, nº 1, 95-116, 2007a. Disponível em: <http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/instindiv.pdf>. Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **Meanings of methodological individualism.** *Journal of Economic Methodology* 14:2, 211-226, June 2007b.



Disponível em: <http://web.cenet.org.cn/upfile/106443.pdf> Acesso em janeiro de 2016.

_____. **A Response to Christian Cordes and Clifford Poirot.** Journal of Economic Issues, volume XLI, nº 1, 2007c. Disponível em: <http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/responsecordespoirotpdf> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **How Veblen Generalized Darwinism.** Journal of Economic Issues, volume XLII, nº 2, 2008a. Disponível em: <http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/howveblengendarwinism.pdf> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **Complexity, Habits and Evolution.** The SAGE Handbook of Complexity and Management, 2009a. Disponível em: <https://uhra.herts.ac.uk/dspace/Bitstream/2299/3445/1/S108.pdf> Acesso em 04 de novembro de 2015.

_____. **Institutional Economics into the Twenty-First Century.** Studi e Note di Economia, ano XIV, nº 1, 03-26, 2009b. Disponível em: http://www.anpec.org.br/downloads/Encontro2009_textoHodgson.pdf. Acesso em 04 de novembro de 2015.

HODGSON, G., KNUDSEN, T. **Why we need a generalized Darwinism, and why generalized Darwinism is not enough.** Journal of Economic Behavior and Organization, volume 61, 1-19, 2006. Disponível em: <http://www.geoffrey-hodgson.info/user/image/howveblengendarwinism.pdf> Acesso em 04 de novembro de 2015.

LUZ, M. R. S. **Por uma concepção darwiniana de economia evolucionária:** abordagens, pioneiras, conflitos teóricos e propostas ontológicas. Dissertação Mestrado em Economia,



Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

LUZ, M. R. S.; FRACALANZA, P. S. **Darwinismo Universal e Economia Evolucionária: elementos para um debate.** In: XV Encontro Nacional de Economia Política, João Pessoa, 2008. Disponível em <http://www.sep.org.br/artigo/1192_f0bccb4ec44ba848ce3cddb639709151.pdf>. Acesso em 15 de dezembro de 2015.

LUZ, M. R. S.; FRACALANZA, P. S. **Da Te(le)ologia ao Evolucionário: O legado essencialista e a possibilidade darwiniana de teorização econômica.** 38º Encontro Nacional de Economia, Salvador, 2010. Disponível em <http://www.anpec.org.br/encontro_2010.htm>. Acesso em 10 de janeiro de 2016.

NELSON, R. **Evolutionary Social Science and Universal Darwinism.** *Biology and Philosophy*, volume 22, nº 1, 73-94, 2006. Disponível em: <<http://www.springerlink.com/content/kq31362246388826/fulltext.pdf>> Acesso em janeiro de 2016.

POSSAS, M. L. **Economia Evolucionária Neo-Schumpeteriana: elementos para uma integração Micro-Macrodinâmica.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.iea.usp.br/iea/evolusociais/possasneoschumpeteriana.pdf>> Acesso em 04 de novembro de 2015.

PRADO, Eleutério F. S. **A dialética de Engels a Marx e o evolucionismo de Hayek.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em http://www.econ.fea.usp.br/eleuterio/ArtigosNaoPublicados/Dialetica_evolucionismo.pdf Acesso em 05 de outubro de 2015.



____. **Economia, complexidade e dialética.** São Paulo: Plêiade, 2009.

VEBLEN, Thorstein. **Why is Economics not an Evolutionary Science?** The Quarterly Journal of Economics. volume 12, 1898. Disponível em: <http://www.elegant-technology.com/resource/ECO_SCI.PDF> Acesso em 04 de novembro de 2015.

____. **A Teoria da Classe Ociosa.** São Paulo: Abril Cultural, 1983.

VROMEN, J. **Routines, genes and program-based behavior.** Journal of Evolutionary Economics, 16 (5), 543-560, 2006.

____. **Generalized Darwinism in Evolutionary Economics:** The Devil is in the Details. Max Planck Institute of Economics, Papers on Economics & Evolution, nº711, 2007. Disponível em: <<https://papers.econ.mpg.de/evo/discussionpapers/2007-11.pdf>> Acesso em 04 de novembro de 2015.